

CAPÍTULO 13

O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DURANTE E PÓS-PANDEMIA: REFLEXÕES E APRENDIZAGENS

Gicelma Cláudia da Costa Xavier
Maria Helena Ferrari
José Lucas Pedreira Bueno
Vera Lucia Lopes Silveira

RESUMO

Este manuscrito se propõe a apresentar uma breve contextualização acerca do contexto educacional antes da pandemia de Covid-10, do aconteceu durante a suspensão de aulas pelo em todo o Brasil e como está o retorno ao presencial neste ano de 2022. O enfoque é dado no trabalho docente com a inserção no mundo das tecnologias digitais conforme o foi ao ser adotado o ensino remoto em grande parte das redes educacionais do Brasil. Inicialmente é apresentado o contexto de distanciamento, mesmo antes da pandemia, dos jovens estudantes da educação básica em relação aos conteúdos e a forma como eram ensinados. O que resulta em desinteresse e engajamento estudantil nas atividades propostas. Apresenta situações de superação, e, conclui com a experiência de professoras de Língua Inglesa e Língua Portuguesa que retomaram o desafio de usarem o aplicativo Flipgrid, utilizado em suas aulas durante o atendimento remoto, de forma pouco planejada, e visto como possibilidade de inovação e inclusão dos estudantes na realização atividades, especialmente nas avaliações formativas, no contexto presencial. O aporte teórico se deu em estudos de Xavier, 2021; Bannell at all, 2020; Pérez Gómez, 2015; Moran 2012 e 2018 e Luckesi, 2008, dentre outros. Como resultado, apresenta exemplos de produções realizadas e relatam a decisão acertada de terem buscado, primeiramente se capacitarem para o uso de recurso digital, o planejamento de como implementar de forma significativa e fomentar o engajamento dos estudantes para produção de uma avaliação significativa e colaborativa por meio da tecnologia digital.

PALAVRAS-CHAVE: pandemia; ensino e aprendizagem; tecnologia digital; avaliação.

INTRODUÇÃO

A relação entre estudantes e professores é, muitas vezes, pautada por normas curriculares que causam distanciamento e esfriamento entre esses dois grupos que, pela natureza de interdependência que ocupam, deveriam se relacionar forma mais próxima, segura e sincera. Contudo, de um lado vemos professores, cansados em lidar com uma geração que parece não se interessar pelo que se passa no cotidiano escolar; e do outro, vemos estudantes entediados, temerosos em relação ao aprendizado que estão adquirindo na escola, mas que lhes parecem não fazer sentido para suas vidas.

Neste manuscrito, tratamos sobre uma das situações que se tornaram corriqueiras na educação, devido a pandemia de Covid-19 que impôs situações inimagináveis para a educação



mundial. No Brasil, houve um agravamento da relação estudantes-escolas-docentes, pode-se afirmar, em todos os níveis de ensino. A pandemia, podemos afirmar enquanto profissionais da educação, expôs realidades sociais diversas Brasil afora, e, as escolas, especialmente as escolas públicas, foram as mais expostas. Redes estaduais e municipais tiveram que se ajustar e procurar atender aos estudantes, buscar formas de se equipar, assim como, lidar com professores em situação de adoecimento.

Nosso objetivo aqui não é discutir sobre quem fez mais ou melhor pela educação, mas compartilhar experiências que floresceram no período de atendimento remoto e se fortaleceram com a volta presencial às escolas no ano de 2022. Buscamos orientação teóricas em (XAVIER, 2021; BANNELL at all, 2020; MORAN, 2012 e 2018; LUCKESI, 2008) dentre outros estudiosos que explicitam a necessidade de a escola se modernizar, se democratizar, para se aproximar da sociedade do século XXI. Como resultado apresentamos o aplicativo *Flipgrid*, introduzido em nossas práticas durante o período pandêmico, e consolidado como um meio de reaproximação entre estudantes, professores e culturas diversas.

PERÍODO PANDÊMICO: REFLEXÕES E ENSINAMENTOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

A pandemia de Covid-19, forçosamente, colocou a profissão docente em estado de reinvenção, o mesmo aconteceu com famílias e estudantes a nível mundial. Reflexões acerca da modernização das escolas, da atualização profissional dos docentes, com intuito de atrair a atenção e tornar os estudantes, especialmente do ensino médio, mais engajados, mais comprometidos com os estudos, eram constantes nos anos que precederam à pandemia. Currículos desarticulados com a situação das comunidades escolares, formas de ensinar e aprender que não resultavam em aprendizados efetivos, segundo avaliações aplicadas pelos professores.

Resultados insatisfatórios, notas baixas, há de se destacar as notas, pois o sistema educacional as exige para promover ou reter estudantes após um ano de estudo. Sensação de fracasso tanto por parte dos docentes e dos demais profissionais da educação, quanto por parte dos estudantes que, apesar de viverem em um mundo totalmente conectado, rodeados de informações globais, em relação aos conteúdos e avaliações da escola, a desmotivação e falta de interesse só aumentava.

Bem antes do período pandêmico, a preocupação com a realidade descrita acima já havia sido objeto de muitos estudos, muitas discussões, que levavam à certeza de que a ação educativa



necessitava olhar os estudantes com mais cuidado, enxergar de forma a reconhecer as suas especificidades (XAVIER, 2021). Uma das compreensões em relação à função social da escola, é que esta deve garantir que as pessoas sejam positivamente afetadas pelas relações estabelecidas e promovidas dentro e fora do espaço escolar; oportunizando mudança na forma de vida da comunidade que a frequenta.

Assim como todo o contexto de crueldade imposto pela pandemia, os ensinamentos que retiramos dela também foram cruéis. Segundo Moran:

O importante como educadores, é acreditarmos no potencial de aprendizagem pessoal, na capacidade de evoluir, de integrar sempre novas experiências e dimensões do cotidiano, ao mesmo tempo que compreendemos e aceitamos nossos limites, nosso jeito de ser, nossa história pessoal. (MORAN, 2012, p. 73).

Cruel foi a forma em nos vemos sendo obrigados, independentemente de nossa história pessoal, a adentrar no mundo da tecnologia com o compromisso de entregarmos nosso trabalho dentro da casa das famílias, a maioria delas sem estrutura para nos acompanhar, e dia após dia, vivemos momentos de caos, incertezas, e até mesmo muitas situações de adoecimento docente e discente.

Contudo, imbuídos dos “superpoderes” da docência, se me permitem, e, nos reportando a estudos e debates anteriores à pandemia, nos demos conta de que estávamos em um momento no qual, a inserção de tecnologia digital na prática docente, estava acontecendo. Não de forma gradativa, lenta, com planejamento, como discutido e registrado em muitas produções científicas; mesmo assim nos reinventamos, aprendemos de forma bastante objetiva a aplicar em nossa prática o pouco que já sabíamos aliado às oportunidades e novos saberes adquiridos durante o processo de ensino remoto.

Toda a dinâmica colocada em movimento para que a educação continuasse funcionando, não foi suficiente para abarcar os diferentes contextos sociais com igualdade. A necessidade de políticas públicas que objetivem levar educação de qualidade com meios de acessos online a grande parte da população foi um dos pontos bastante discutidos durante a pandemia. O investimento emergencial de governos nas diferentes instâncias não foi suficiente, como já dito, não vamos aqui discutir gastos do poder público, contudo, relatos de alunos e professores Brasil a fora, demonstrados que muito ficou por fazer. Por outro lado, mesmo com investimentos e acessos garantidos a professores e estudantes, compreendemos que é necessário aprender, é necessário nos revestir das mudanças pelas quais a sociedade tem passado, neste início de século. Temos o dever enquanto profissionais docentes de buscar por capacitações e o Estado tem o dever de ofertar possibilidades para que as qualificações aconteçam.



Entendemos que o ensinamento maior deixado pela pandemia, no contexto aqui abordado, tem a ver com a necessidade de olhar para o momento atual, pós-pandemia e assumir que “abrir-se para novas educações, resultantes de mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender possibilitadas pela atualidade tecnológica, é o desafio a ser assumido por toda a sociedade” (KENSKI, 2012, p. 41). Aprender a ensinar envoltos por realidades sociais diversas, nos impõe o compromisso de despertar nos aprendizes estudantes o espírito de colaboração, interatividade, bem como, de ressignificar a forma de ensinar nessas diferentes realidades.

Assim, os atos de ensinar, aprender e avaliar, tornam-se, essencialmente, as peças-chaves para que mudanças aconteçam e a escola se torne um local, pedagógica e politicamente, democrático. Para tanto, comungamos a ideia de que “para romper com esse estado de coisas (...) importa romper com o modelo de sociedade e com a pedagogia que o traduz” (LUCKESI, 2008, p.41). O autor nos fala de ruptura, entendemos que na ruptura cria-se estado de (re) construção, muitas vezes, esse estado nos leva a descobrir capacidades desconhecidas ou adormecidas e, por isso, estavam silenciadas. O que a pandemia nos causou, e aqui, nosso foco está no trabalho docente, nos fez rever, reinventar quem éramos como professores.

PERÍODO PANDÊMICO: ENSINO E APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DA AVALIAÇÃO FORMATIVA

Iniciamos esta seção explicitando um dos primeiros, senão o primeiro ensinamento que a pandemia de Covid-19 nos deixou. Observemos a assertiva a seguir:

A educação está cheia de rituais: de entrada, de permanência, e de saída. Em nossa mente vive o conceito de semestralidade, o do período de aulas, dos exames, de férias. Parece que em eles não aprendemos de verdade. (MORAN, 2012, p.30).

Se algo realmente foi rompido foram os rituais citados por Moran (2012) apesar de termos sido obrigados a criar outros, embora conturbados, percebemos que as amarras historicamente conferidas à Educação não são necessariamente o que a fazem ou não funcionar. Em todo o mundo os parâmetros tidos como os normais para o funcionamento de uma escola, de uma sala de aula, foram totalmente alterados pela pandemia. Em novos contextos, a relação professores – alunos – ensino – aprendizagem passou a acontecer e, mesmo que de forma dificultosa para muitas famílias, para professores e para as escolas, o atendimento, em grande número, se deu com o uso da internet, por meio de plataformas e aplicativos digitais as relações foram estabelecidas.



Uma das mudanças da prática docente foi sobre a avaliação da aprendizagem. O isolamento, a aula remota e a racionalidade técnica oportunizaram um distanciamento inédito da realidade entre professor e aluno. Uma verificação somativa atenderia à exigência burocrática de notas finais, entretanto, não corresponderia a um registro do crescimento do aluno inerente aos diferentes conteúdos aprendidos.

Uma avaliação do processo, por outro lado, oportunizaria um olhar coerente com o cenário pandêmico, considerando, prioritariamente, os aspectos qualitativos na aprendizagem.

A avaliação, portanto, sendo parte de um processo maior, deve ser usada tanto no sentido de um acompanhamento do desenvolvimento do estudante, como no sentido de uma apreciação final sobre o que este estudante pôde obter em um determinado período, sempre com vistas a planejar ações educativas futuras. Quando a avaliação acontece ao longo do processo, com o objetivo de reorientá-lo, recebe o nome de avaliação formativa (FERNANDES & FREITAS, 2007, p. 20).

Este modelo de avaliação pode ser organizado em diferentes tempos, a partir de diversas técnicas e instrumentos didáticos que dialogam entre si, no intuito de oportunizar uma visão global do rendimento do aluno ao fim de um processo. Uma vez compreendida sua concepção, é preciso ter em mente que,

Uma verdadeira avaliação formativa é necessariamente acompanhada de uma intervenção diferenciada, com o que isso supõe em termos de meios de ensino, de organização dos horários, de organização do grupo-aula, até mesmo de transformações radicais de estruturas escolares (PERRENOUD, 1999, p. 15).

A visão de verificação da aprendizagem na forma processual abarca todo o setor educacional, influenciando na organização e planejamento letivo. É de suma relevância que o docente tenha autonomia para a realização da avaliação formativa, adequando os registros dos resultados aos requisitos institucionais, sem, contudo, ficar restrito à aplicação de provas objetivas ou questionários digitais, automatizando um processo pedagógico importante para a identificação das dificuldades dos alunos, que poderá nortear o planejamento didático subsequente; tendo em vista que,

a avaliação formativa deve contribuir com o processo de ensino e aprendizagem, favorecendo a identificação de dificuldades encontradas e propondo alternativas para a construção do conhecimento. Torna-se, portanto, uma importante ferramenta para a prática docente; no entanto, precisa ser planejada, devido sua complexidade na análise dos resultados (SILVEIRA; VELANGA, 2017, p. 4).

Assim, o auxílio de aplicativos digitais tornou-se importante para a integração de diferentes técnicas de avaliação no período da Pandemia da Covid 19; desde que oportunizassem uma verificação processual, que apontaria um demonstrativo da aprendizagem a partir de aspectos qualitativos.



A pandemia nos ensinou a implementar formas de ensino por meio de aplicativos e plataformas que, muitas vezes, foram utilizados de forma mecânica, para ocupar espaços que devido a especificidade do período, não foram tratados ou utilizados de forma a potencializar suas funcionalidades. Por isso, com o retorno para as escolas, em 2022, não podemos retroagir a debates e discussões anteriores, a menos que seja para nos dar suporte, para aprendermos mais e continuarmos nossa seara em busca do uso da tecnologia de forma significativa em nossas atividades junto a nossos alunos.

PERÍODO PÓS-PANDÊMICO: O APLICATIVO FLIPGRID COMO RECURSO PARA VERIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Depois da pandemia, o que fazer? Desligar os computadores? Voltar ao ensino com tempo e espaço definido nos horários fixados nos murais das escolas? Como seguir? Enfim, tendo em vista que os recursos tecnológicos, especialmente celulares fazem parte da realidade de grande parte dos estudantes, tendo em vista que, durante a pandemia, a docência aconteceu mesmo com atropelos, com imagens congeladas, câmeras desligadas, quedas de internet, áudios ruins, dentre outros acontecimentos inusitados até, se retrogirmos, se não seguirmos engajados em aprender e cobrar dos gestores da educação pública investimentos na ampliação do acesso de qualidade para todos os estudantes, criaremos uma lacuna difícil de transpor junto aos estudantes. Jovens e ambientados com tecnologias digitais, cabe a nós darmos sentido e inserir essas tecnologias em nossas salas aulas.

Com esse pensamento, utilizar o aplicativo da *Microsoft*, Flipgrid, se tornou nosso desafio, visto que nos preocupa a avaliação da aprendizagem por ser o momento no qual extraímos o conhecimento filtrado pelo estudante. Em momento de volta a sala de aula presencial, uma das grandes preocupações dos alunos era de como seriam as “provas”, se poderiam acessar a internet, se seria pela plataforma *online*, como conseguiriam tirar notas boas se não pudessem acessar material de apoio, conhecidamente *Google*.

Temos em Bacich e Moran (2018) a defesa de que o uso de aplicativos para inovar nossa maneira de ensinar deve ser considerado também uma maneira de atrair o interesse dos estudantes, além disso, podemos por meio deles, encontrar formas de atender aos diversos perfis de aprendizes que temos em sala. Indo mais além, se bem escolhidos, estudados, e planejados, os aplicativos se tornam a maneira de inserir e engajar os estudantes em atividades que lhes deem mais prazer e confiança em suas produções, portanto, serão mais eficazes do uma prova escrita, na qual muitas questões serão deixadas em branco, muito provavelmente.



Diante desse cenário, optamos por, nas disciplinas de Língua Inglesa e Língua Portuguesa, desenvolver atividades avaliativas por meio do aplicativo Flipgrid. Este é um recurso gratuito que pode ser acessado em <https://admin.flip.com/>. Nele, o usuário criará sua conta, e as salas nas quais os alunos, por meio de um link entrarão e serão cadastrados. O professor criará os tópicos de atividades, conforme figura 1:

Figura 2: Atividade realizada no Flipgrid.

<input type="checkbox"/>	Title	Latest Response
<input type="checkbox"/>	 TALKING ABOUT ME AND MY MATE 24 responses	Jun 22, 2022
<input type="checkbox"/>	 Hello, I am... 13 responses	Jun 29, 2022

Fonte: autoria própria (2022).

A decisão de efetuarmos a avaliação da aprendizagem usando o Flipgrid se deu por algumas razões: é uma ferramenta gratuita, pode ser baixada como aplicativo no celular ou ser usada diretamente no computador, é uma plataforma altamente inclusiva, cabe ao professor explorar todo seu potencial e considerar diferentes possibilidades para que as atividades aconteçam. Suas funcionalidades incluem, gravação diretamente no aplicativo, de vídeo, para o qual os estudantes podem omitir seus rostos, caso prefiram, conforme figura 2. Outras funcionalidades são: gravação apenas de áudio; inserção de arquivos de imagens; de som, de vídeo salvo no equipamento do aluno; texto escrito, que pode ser digitado ou inserido do equipamento dos alunos, entre outras.

Figura 3: Exemplo de atividade dos alunos no Flip.

<input type="checkbox"/>	  14 views	Jun 15, 2022	1 Comment		 Active		
<input type="checkbox"/>	  15 views	Jun 15, 2022	1 Comment		 Active		
<input type="checkbox"/>	  23 views	Jun 15, 2022	1 Comment		 Active		
<input type="checkbox"/>	  16 views	Jun 15, 2022	1 Comment		 Active		
<input type="checkbox"/>	  28 views	Jun 15, 2022	1 Comment		 Active		

Fonte: autoria própria (2022).

Estudiosos da área da avaliação argumentam que avaliação deve ser utilizada para que o professor tenha um parâmetro do ponto de partida e do ponto de chegada, considerando o percurso percorrido com seus alunos. Ao estudarmos e aprendermos sobre o Flipgrid, ficou



claro para nossas concepções de avaliação, especialmente, considerando o caráter inclusivo que deve defini-la, que atenderíamos as especificidades de nossos alunos, teríamos como avaliá-los do ponto de partida ao ponto de chegada, pois a atividade foi planejada a fim de que a produção realizada por eles fosse elaborada, criada na plataforma e disponibilizada para colaboração das professoras, que deram feedback, e demais colegas que compartilharam opiniões a fim de auxiliar as produções uns dos outros. Na medida em que as colaborações aconteciam, cada trabalho, era aperfeiçoado por seus autores.

Viver a experiência de usar uma mesma tecnologia digital, o aplicativo *Flipgrid*, durante e pós-pandemia, nos permitiu realizar uma autoavaliação e compreender que nossos esforços tiveram um efeito positivo, pois, a situação de distanciamento imposta naquele momento, tornou nosso contato com os estudantes bastante precário, sobretudo no que diz respeito ao envolvimento da maioria deles. Ao assumirmos o desafio de tornar a volta ao ambiente presencial, mas ao mesmo tempo, nos mantermos ligados por meio da tecnologia, tema atraente para os estudantes, percebemos que ao compreenderem como se daria o uso do recurso, como seria o processo de avaliação, os estudantes se dedicaram, se divertiram e acima de tudo entregaram suas produções, tanto em língua inglesa quanto em língua portuguesa com riqueza observada pelos próprios por colegas e de forma muito prazerosa pelas professoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compartilhar experiências que floresceram no período de atendimento remoto e se fortaleceram com a volta presencial às escolas, foi nosso principal objetivo neste trabalho, contudo, trazer para reflexão a necessidade de termos políticas de formação docente e de investimentos voltados para inclusão de tecnologias digitais na educação do século XXI, se tornou necessário, pois o intuito é termos em mente que a pandemia de Covid-19 apenas deu publicidade à deficiência de escolas brasileiras quando se trata de, por necessidade, ou por compreensão de que é necessário, inserir inovações para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça de forma mais prazerosa, tanto para professores, quanto para estudantes.

Entendemos que não basta disponibilizar acesso à equipamentos, é preciso compreender o mundo e suas mudanças, o acesso a diferentes realidades sociais, a diferentes culturas, onde estamos e para onde queremos ir; como significar o papel da escola nas vidas dos estudantes e de suas famílias, a fim de que possam acreditar nas transformações que o engajamento em atividades desenvolvidas nesse ambiente pode promover.



Acreditar na força transformadora a educação implica em movimentos concretos por parte dos gestores da educação no país. Movimentos capazes de culminar na ressignificação de conceitos impregnados que moldam a forma como professores e estudantes devem se relacionar. Não basta reconhecer as mudanças e evolução na sociedade, é preciso estudar e aprender que, enquanto professores, enquanto pertencentes a uma comunidade chamada escolar, temos obrigação em nos capacitar a atuar junto a essa sociedade.

Por fim, concluímos que com a pandemia aprendemos que somos capazes de nos reinventar; no pós-pandemia, estamos aprendendo, por meio de estudos, que somos capazes de transformar o que foi (re) inventado, estamos aprendendo que sem conhecimento teórico, a prática pode ser conturbada e perde muito do valor inerente às práticas pedagógicas transformadoras.

REFERÊNCIAS

BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BANNELL, I. R. *et al.* **Educação no século XXI**: cognição, tecnologias e aprendizagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

FERNANDES, C. O.; FREITAS, L.C. Indagações sobre o Currículo: Currículo e Avaliação/MEC/Secretaria de Educação Básica, Brasília, 2007.

KENSKY, M. V. **Educação e tecnologias**: O novo ritmo da informação. Campinas, S.P: Papirus, 2012.

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2008.

MORAN, M. J. A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá. Campinas, S.P: Papirus, 2012.

PERRENOUD, P. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

SILVEIRA, V. L. L.; VELANGA, C. T. O portfólio como instrumento de avaliação formativa na disciplina língua portuguesa do curso técnico integrado ao ensino médio. Revista do SELL, v. 6, n. 1. 2017. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/1156>. Acesso em: 04 jan. 2021.



XAVIER, G. C. C. Desafios, tensões e aprendizagens: a pandemia de Covid-19 e o ensino remoto. In: SILVA, Ana Lúcia Gomes da *et al.* Rede colaborativa universidade e educação básica: formação docente em debate. Salvador: C&A Alfa Comunicação, 2021.